



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RENATA KELLY RODRIGUES MACIEL**

**A CULTURA DE PARES NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: UM OLHAR  
PARA INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS ENTRE CRIANÇAS  
DA PRÉ-ESCOLA**

**Campina Grande – PB**

**2018**

**RENATA KELLY RODRIGUES MACIEL**

**A CULTURA DE PARES NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: UM OLHAR  
PARA INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS ENTRE CRIANÇAS  
DA PRÉ-ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de graduação em Pedagogia, pela  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de  
Souza Melo.

**Campina Grande - PB**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152c Maciel, Renata Kelly Rodrigues.

A cultura de pares no processo de socialização [manuscrito] : um olhar para interações e brincadeiras espontâneas entre criança da pré-escola / Renata Kelly Rodrigues Maciel. - 2018.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Cultura de pares. 2. Socialização. 3. Reprodução interpretativa. 4. Educação infantil. I. Título

21. ed. CDD 372.1

# RENATA KELLY RODRIGUES MACIEL

## A CULTURA DE PARES NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: UM OLHAR PARA INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS ENTRE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de graduação em Pedagogia, pela  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 05/12/2018

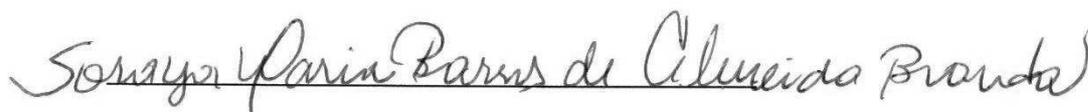
### BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo - Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão - Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que me guiou em todos os caminhos, aos meus pais, familiares e amigos pelo amor e carinho constante. DEDICO.

## **Agradecimentos**

Primeiramente eu agradeço a **Deus** pela fidelidade dele em minha vida. Ao Senhor eu ofereço glórias e louvores, pois sei que ele me guiou em todos os momentos da minha vida. Agradeço por cuidar e me guardar entre idas e vindas diárias para a Universidade.

A minha família por todas as estimas oferecidas a mim, em especial aos meus pais **Riuly Gonçalves Maciel** e **Vania Lucia Rodrigues dos Santos**, os quais eu tenho orgulho em tê-los orgulhados. Também a minha Irmã **Raissa Caroline Rodrigues Maciel**. Obrigada por todo o carinho e incentivo para chegar até o fim.

Ao meu esposo **Alan David Santos Monteiro** por todo amor ofertado, pela parceria e cumplicidade, sobretudo a paciência e estímulos para a conclusão do Curso.

A minha Orientadora **Professora Dra. Gloria Maria Leitão de Souza Melo**, a qual possuo grande admiração. Obrigada pela parceria e dedicação ao nosso trabalho, pelos conselhos e incentivos dados desde que nos conhecemos na disciplina de Educação Infantil até o momento final do curso. A levarei comigo para sempre em meu coração.

Agradeço as Professoras **Maria do Socorro Moura Montenegro** e **Soraya Maria Barros de Almeida Brandão** por terem aceitado participar da banca examinadora, um momento tão especial em minha jornada acadêmica.

A **Universidade Estadual da Paraíba** e ao curso de **Pedagogia**, em especial a todos os professores que nos ensinaram bases e conhecimentos tão importantes para a nossa profissão.

Ao **Centro Educacional da Criança**, por ver em mim alguém com potencial e por ter contribuído em minha caminhada profissional que está apenas começando.

A turma de Pedagogia 2013.1 no período noturno, os quais foram meus companheiros nessa jornada acadêmica, em especial as minhas parceiras **Maria do Socorro Oliveira** e **Maria Elenice Silva Barbosa de Souza**, as quais construíram laços afetivos que levaremos para a vida. Obrigada por tornarem essa jornada mais leve.

A todos, os meus cordiais agradecimentos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DE ESTUDOS ACERCA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A PRODUÇÃO CULTURAL DE CRIANÇAS E ENTRE CRIANÇAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A CULTURA DE PARES.....</b>	<b>13</b>
<b>4. NA EDUCAÇÃO INFANTIL, O ESPAÇO PARA A CULTURA DE PARES: UM OLHAR PARA INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS ENTRE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA.....</b>	<b>17</b>
4.1 DADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	17
4.2 ANÁLISES DA PESQUISA.....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## Resumo

O objetivo desse estudo é discutir situações onde evidenciamos elementos determinantes acerca da cultura de pares entre crianças da pré-escola, através de suas interações e brincadeiras espontâneas. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, realizada em uma instituição de educação Infantil, da rede privada de ensino, localizada no município de Campina Grande – PB. Os dados foram coletados no período entre fevereiro e outubro de 2018, em uma turma denominada Infantil 5, onde os sujeitos da pesquisa foram 8 meninas e 3 meninos com idades entre 5 e 6 anos. Para a coleta de dados, foi utilizado o gravador de voz, gravador de vídeo e observações anotadas no diário de campo. Tais anotações no diário de campo e as gravações enfocam as situações espontâneas das crianças no momento do recreio, como seus diálogos, conversas e as brincadeiras escolhidas por elas. Iniciamos pela compreensão de que as crianças são sujeitos ativos na produção cultural da sociedade (SARMENTO, 2007) e que no momento em que as crianças produzem e compartilham seus interesses, seus artefatos e sua rotina em suas interações, elas estão produzindo a Cultura de Pares (CORSARO, 2009). O estudo constatou que é no processo de socialização com seus pares em brincadeira e em jogos de faz de conta que as crianças demonstram as suas interpretações a partir do contato com adultos, passando por um processo de contextualização sócio cultural, e transformando em sua própria cultura através da reinterpretação. Concluímos que a Cultura de Pares é realmente produzida no momento em que as crianças estão interagindo, partilhando seus interesses, através da releitura baseada na cultura do adulto, que acabam por afetar as interações infantis. Porém, vimos que as crianças possuem autonomia o suficiente para estruturar sua própria cultura.

**Palavras-chave:** Cultura de Pares; Socialização; Reprodução Interpretativa; Educação Infantil.

### 1. INTRODUÇÃO

Escolher um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso é algo desafiador. Sempre me encantei com o trabalho feito na Educação Infantil e sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, e como o próprio RCNEI<sup>1</sup> (BRASIL, 1998) menciona, é nessa fase que em que a criança, antes de tudo, deve viver experiências prazerosas dentro das instituições de ensino.

Por ser interessada na Educação Infantil, a disciplina Educação Infantil I e II, no Curso de Pedagogia da UEPB, trouxe-me temas variados em relação a esse campo de estudos. Em conversa com a Professora Glória Maria Leitão de Souza Melo, a qual aceitou orientar-me, sugeriu um tema bastante oportuno, e que fez meus olhos brilharem: A cultura de Pares.

---

<sup>1</sup> Embora o RCNEI não seja mais divulgado pelo MEC, desde a implantação da BNCC em Dezembro de 2017, foi considerado mencioná-lo, pois serviu como norte em todo o país para práticas na Educação Infantil desde que foi implantado em 1998.

Este trabalho busca discutir a Cultura de Pares na perspectiva da Sociologia da Infância, para compreender os processos de socialização das crianças e as produções culturais no momento do recreio, ou seja, no momento em que brincam entre si, espontaneamente.

O campo de estudos da Sociologia da Infância é bem recente em nível mundial. É recente também a visão de criança, quanto ator social, produtor de cultura, que se contrapõe a visão de ser passivo, simples reprodutor de comportamentos adultos. Para, Lima, Moreira e Lima (2014), a Sociologia da Infância se desenvolveu para entender esse universo infantil que necessita de uma atenção especial:

A Sociologia da Infância se desenvolveu de forma expressiva nas últimas décadas, impulsionada pela realidade contemporânea que demonstra uma “atenção especial” a essa categoria geracional, jamais vista em outros períodos históricos. Na tentativa de compreender a criança e seu lugar na sociedade, percebe-se o constante deslocamento próprio da construção social, complexa e diversa, que revela o quanto ainda se precisa avançar na tarefa de assumir a criança e a infância na perspectiva apontada. (LIMA, MOREIRA, LIMA, p. 100)

Desde a década de 30 no século XX, ocorreram tentativas de implantar uma nova abordagem sociológica da infância. No entanto, somente no final do século XX, a criança foi vista como objeto sociológico, bem como, tem se encarado a infância como uma categoria social no campo da sociologia. Barbosa (2014, apud SARMENTO, 2008, p. 18) detalha esse momento da história da Sociologia:

A sociologia, em meados dos anos de 1980, abandonou o conhecimento das crianças apenas por meio dos estudos sobre as instituições que as educavam, como, por exemplo, as famílias e as escolas, e procurou conhecer as crianças pelo contato direto com elas e por sua condição social específica, buscando seus ‘próprios conceitos, da formulação de teorias e abordagens distintas e de constituição de problemáticas autônomas (BARBOSA apud SARMENTO, 2008, p. 18).

Atualmente, as crianças passaram a serem vistas como atores sociais. Conforme Delgado e Muller (2005) ressaltam, “falar das crianças como atores sociais é algo decorrente de um debate acerca dos conceitos de socialização no campo da sociologia” (p.351). Essas crianças possuem capacidades para assumir um papel ativo em diversos aspectos da sua vida, aspectos esses diversificados e complexos, não apenas pontos específicos como se acreditava no passado.

Delgado e Muller, ao dialogarem com Corsaro (1997), discutiram que a perspectiva da sociologia deve considerar as adaptações e internalizações dos processos de socialização e também o processo de apropriação, reinvenção e reprodução realizadas pelas crianças (2005, p.151). Isso implica dizer que a criança internaliza situações vivenciadas em seu âmbito familiar, reelaborando o que viu e ouviu e reproduz, ao seu próprio modo, em conjunto com outras crianças.

Outro conceito abordado em nosso estudo é o de Cultura de Pares. Para compreender melhor tal termo, é importante entender o conceito de Cultura. Segundo Jucirema Quinteiro (2002), a Cultura é compreendida “como estruturante do cotidiano de todo grupo social, que se expressa em modos de agir, pensar, relacionar, interpretar e atribuir sentido ao mundo e as coisas” (GUSMÃO citado por QUINTEIRO, 2002, p. 154). Já o termo “Pares” é utilizado para reafirmar que as culturas infantis são elaboradas em conjunto, ou seja, a partir de um grupo que compartilha suas experiências e interações.

A cultura de pares é a produção que se dá entre crianças que se encontram habitualmente, sem a intervenção do adulto. Na Educação Infantil, as crianças escolhem seus grupos de acordo com suas preferências. Portilho e Tosatto (2014), ao dar suas contribuições acerca das culturas da infância, citam Corsaro (2009) e sua definição de culturas de Pares:

As culturas infantis são, portanto, “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interação com seus pares” (CORSARO, 2009, p. 34). Essas ações e formas culturais não nascem espontaneamente; elas constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações (PORTILHO e TOSATTO, 2014, p.740)

Conforme Barbosa (2014, p. 646):

As culturas infantis emergem, prioritariamente, no convívio de pequenos e permanentes grupos com os quais as crianças realizam atividades em comum, em que repetem suas ações, proposições e reiteram suas conquistas (BARBOSA, 2014, p. 646)

A partir dessa relação com outras crianças, sobretudo no momento do recreio, é possível criar fantasias, recriar cenas diárias do seu convívio, e até transmitir e partilhar sentimentos e emoções com seus pares.

A escolha desse tema, para esse estudo, foi de grande satisfação para nós, pois, embora seja atual, ainda é pouco explorada na área da Educação Infantil. Nossa experiência, na condição de professora da Pré-Escola, oportunizou-nos, dentre outros, a perceber que as crianças apresentam características específicas, no tocante aos processos de socialização, quando interagem com seus pares. Características essas, referentes a afinidades, formas próprias de falar e agir, e a construção das suas próprias brincadeiras.

Diante de tais observações, e estudos realizados, foi levantada a seguinte questão: Como evidencia-se a Cultura de pares entre crianças da pré-escola através das relações estabelecidas no momento do recreio?

Nesse sentido, nosso estudo tem como principal objetivo, analisar situações onde evidencia-se a Cultura de Pares, entre crianças da pré-escola, em situações de interações e brincadeiras espontâneas, para melhor compreender como esta cultura se constitui, quando observada no interior de uma instituição escolar da rede privada, no município de Campina Grande - PB.

Os objetivos específicos são os seguintes: Identificar produções culturais através da fala das crianças; Observar situações em que as crianças reproduzem comportamentos do universo adulto; Analisar situações no tocante a cultura de Pares; Observar se o ambiente escolar favorece as interações entre as crianças durante as atividades autônomas e espontâneas que lhes são propiciadas.

Na definição do percurso metodológico, caracterizamos nosso estudo como de natureza qualitativa, do tipo pesquisa de campo. Neste tipo de estudo, podemos observar, analisar e descrever, através da nossa imersão na realidade investigada, as reações dos sujeitos envolvidos, em suas produções culturais, em momentos de interações autônomas, em ambiente escolar. Ludke e Marli (1986) diz que o estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

O campo de pesquisa foi uma instituição da rede privada de ensino, localizada na zona urbana da cidade de Campina Grande – PB. Os sujeitos envolvidos foram 11 crianças na faixa etária entre 05 a 06 anos, de uma turma da Educação Infantil, denominada pela instituição, turma do Infantil 5.

Para coleta de dados, foram realizadas gravações das falas das crianças, em formato de áudio e vídeo, e o Diário de Campo. O diário de campo é um instrumento de suma importância para coleta de dados, pois ele é considerado uma testemunha do que está sendo observado e analisado, sobretudo, será nele que estarão relatados e descritos os detalhes do objeto em estudo. Conforme Silva (2011), “fazer um diário de campo é instalar-se numa prática concreta, de escrita, para pensar a si mesmo e se experimentar como sujeito da escrita.” Ao enfatizar que escrever é uma operação realizada por um sujeito em uma superfície de espaço próprio, ela ainda elucida que:

No caso do diário de campo, essa superfície é a página em branco. O sujeito da escrita precisa gerir esse espaço, de modo que execute seu querer, que, como dissemos não só se organiza a partir de seu desejo; mas da imagem que faz de seu interlocutor; dos motivos e finalidades que o levam a dizer; enfim, das condições de produção que dão forma e conteúdo a esse dizer (SILVA, 2011, p. 09)

Por fim, o presente estudo está estruturado três itens, além deste texto introdutório. No primeiro (item 2) intitulado: “As perspectivas teóricas acerca da Sociologia da infância” trazemos concepções sobre os estudos da Sociologia da Infância em uma linha histórica e de definições; no segundo (item 3), denominado “A produção cultural de crianças e entre crianças: uma discussão sobre cultura de pares”, propomos uma reflexão sobre a cultura de pares entre as crianças da pré-escola; na última parte, (item 4), apresentamos os dados da investigação, evidenciado os sujeitos observados e suas produções culturais, nas interações e linguagens utilizadas. O espaço da Educação Infantil é neste item, objeto de reflexão, quando passamos a valorizar a cultura de pares entre crianças.

## **2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DE ESTUDOS ACERCA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.**

A Sociologia, ramo da ciência que estuda a organização e o funcionamento das sociedades humanas, bem como analisa os comportamentos sociais, por muito tempo não apresentou a criança como protagonista social e histórica.

Segundo os estudos de Ariés (1981), as crianças por muito tempo eram vistas como adultos em miniatura. Esses pequeninos ainda não eram vistos como sujeitos do “hoje”. Durkheim (1984, p. 110) ao tratar a criança como um ser instável, enfraquecido, tratando-os como seres negativos, não-sociais, relata que:

Além de questionadora, ela [a criança] passa de uma impressão para a outra, de um sentimento para outro, de uma ocupação para outra, com a mais extraordinária rapidez. Seu humor não tem nada de fixo: a cólera nasce e aquieta-se com a mesma instantaneidade; as lágrimas sucedem-se ao riso, a simpatia ao ódio, ou inversamente, sem razão objetiva ou [...] sob a influência da circunstancia mais tênue. (DURKHEIM, 1984, p. 110)

Sirota (2001) diz que a Sociologia geral e a Sociologia da Educação permaneceram na concepção de infância durkeimiana, onde a criança é vista como um *vir a ser*, ou seja, um ser futuro, em formação, frágil e delicado. Esses pequenos indivíduos sempre estiveram presentes na sociedade, porém não eram vistos como portadores de suas próprias especificidades, pelo contrário, eram entendidas somente a partir das organizações Família e Escola.

Segundo Lima, Moreira e Lima (2014), foi a partir da década de 30, do século passado que estudiosos começaram a investigar a socialização dos pequenos e a perceber as culturas infantis. Em meados da década de 90, diversos sociólogos, estudiosos da pequena infância, se reuniram no primeiro Congresso Mundial de Sociologia. Seu principal enfoque estava na problematização acerca da emergência pelo campo de estudo no tocante a Sociologia da Educação, ao qual tratasse sobre o processo de socialização da criança sob diversos aspectos e a influencia de vários agentes sociais sobre a criança. Conforme diz Quinteiro (2002, apud SARMENTO, 2000) era preciso “Um olhar caleidoscópico sobre a Sociologia, no sentido de identificar a presença da infância no desenvolvimento do pensamento sociológico e descortinar as razões da sua gritante ausência nas correntes da Sociologia”.

Em uma nova perspectiva teórica, a infância ganhou espaço acerca do valor cultural produzidos pela criança através do se modo de expressar-se e comunicar-se. Ao citar Sarmento (2004), Lima, Moreira e Lima (2014) afirmam que foi a partir da Modernidade que ocorreu a Institucionalização da Infância, caracterizado pela criação de instâncias públicas de socialização, transformação do modelo de família, formação de saberes normativos, e a administração simbólica da infância por meio de regras e instituições. Sarmento (2007, p. 22-23) diz que as crianças:

Não são receptáculos passivos das culturas adultas, mas sujeitos activos na produção cultural da sociedade, recebendo através das múltiplas instâncias de socialização as culturas socialmente

construídas e disseminadas, que interpretam de acordo com os seus códigos interpretativos próprios [...] (SARMENTO, 2007, p. 22-23).

É preciso compreender que a criança, como sujeito social, está ativo à fazer sua história, se desenvolver em todos os aspectos (linguístico, mental, social e motor) e também produzir sua própria cultura, diferentemente da antiguidade, conforme cita Andrade (2010) ao relatar os estudos do Historiador francês Philippe Ariès (1986):

A tese da ausência do sentimento de infância na Antiguidade é relatada pelo autor considerando os altos índices de mortalidade das crianças e a forma de viver indistinta dos adultos manifestada nos trajes, nos brinquedos, na linguagem e em outras situações do cotidiano revelando uma criança que não possuía nenhuma singularidade e não se separava do mundo adulto, sendo, pois, considerada um adulto em miniatura (ANDRADE, 2010, p. 48)

Atualmente a Sociologia da Infância tem se desenvolvido com muita intensidade nos últimos anos, devido ao enfoque dado à realidade vigente. A criança como ator, tem ganhado seu espaço na construção social e por isso, surgiu à necessidade de compreender sua função no corpo social. Belloni (2009), em sua obra “O que é Sociologia” diz que a Criança, antes mesmo de nascer já está inserida em um grupo social, a família, e que, à medida que vai crescendo, ela vai interiorizando a cultura de seu grupo.

Antes seres passivos, as crianças agora são consideradas membros competentes da sociedade, onde assumem papéis de atores sociais. Essa socialização se sucede de acordo com a adaptação e incorporação da criança em seus agrupamentos. Delgado e Muller (2005) afirmam que:

Essa noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista (DELGADO e MULLER, 2005, p. 353).

A criança, a partir da Sociologia da Infância, passou a ser declarada como um ator social, considerada parte da cultura e, principalmente, produtora de culturas. Canavieira e Caldeiron (2011, p. 156) destacam que o termo *Culturas infantis* está no sentido plural, “já que são muitas as infâncias; diversas são as formas que a infância

pode ser vivida dentro do mesmo tempo histórico e espaço geográfico; que, aliada a pluralidade cultural de nosso país e de outros países, tornam múltiplas as culturas infantis”. Para SARMENTO (2002):

A pluralização do conceito significa que as formas e conteúdos das culturas infantis são produzidas numa relação de interdependência com culturas sociais atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência étnica, que impedem definitivamente a fixação num sistema coerente único dos modos de significação e ação infantil. Não obstante, a ‘marca’ da geração torna-se patente em todas as culturas infantis como denominador comum, traço distintivo que se inscreve nos elementos simbólicos e materiais para além de toda a heterogeneidade, assinalando o lugar da infância na produção cultural. (SARMENTO, 2002, p. 04).

Enfim, as Culturas infantis se manifestam a partir da interação que as crianças têm com os adultos e outras crianças, partilhando sentidos em seu mundo, constituindo suas experiências sociais. No próximo item abordaremos a Cultura de pares.

### **3. A PRODUÇÃO CULTURAL DE CRIANÇAS E ENTRE CRIANÇAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A CULTURA DE PARES**

Considerando que a criança é um ser social e produtora de cultura, neste item iremos trazer uma breve discussão acerca da Cultura de Pares, que possui como conceito resumido, o que as crianças produzem quando se encontram, sem que aja intervenção adulta. Produções essas que partem de suas relações (relação criança-criança), modo de agir e pensar, dialogar e interpretar, como foi citado por Quinteiro (2002). Corsaro (2009) fala que a Cultura de Pares é um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos e interesses que as crianças produzem e compartilham nas interações.

Em uma entrevista com Fernanda Muller (2007), Willian Corsaro disse a seguinte afirmação:

Com cultura de pares, estou falando de crianças que produzem e criam seus próprios mundos coletivos num sentido genérico. Embora sejam afetadas pelo mundo adulto (que também afetam), as culturas de pares das crianças têm sua própria autonomia. (MULLER, 2007, p. 275)

Como bem sabemos, a cultura de pares surge a partir do momento em que as crianças interagem com outras crianças, de forma afetiva, atribuindo sentidos em seu mundo. Os sujeitos da infância possuem a capacidade de agir e elucidar tudo ao seu redor, padronizar e assim fazer cultura.

Corsaro (2009) ao tratar do termo reprodução, definiu que “as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural”. Quanto ao termo Interpretativo, o autor expôs que:

As crianças, ao serem participantes da sociedade, criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios quanto crianças.” (CORSARO, 2009, p. 31)

A criança, em parceria com outros indivíduos, ao produzirem cultura, não reproduz apenas uma cópia da atuação adulta, isto é, a criança capta de forma criativa, referências do que viram e ouvirem nas interações com maiores, para que de forma natural produzam sua cultura.

Para assumir um papel social, a criança, desde o seu nascimento, se apropria de todas as características sociais a qual a mesma está inserida. Crenças, valores, regras e normas sociais e naturais do ser humano. A partir dessa internalização de elementos da sociedade, a criança inicia seu processo de sujeito social.

Pedrosa e Santos (2009) argumentam que:

A reprodução é o suporte para a criação. A Reprodução Interpretativa da cultura possibilita seu desdobramento, ou seja, o surgimento de uma novidade compartilhada pelo grupo. Esta pode surgir com o uso inusitado de um objeto, o enriquecimento de um empreendimento, a especificação ou a transgressão de uma regra, a sincronia de ações, etc. (PEDROSA e SANTOS, 2009, p. 55).

As autoras (2009, p. 55) dizem que, “por meio da brincadeira, os pequeninos objetivam, nas ações, significados de suas experiências com um objeto qualquer”. A partir dessa significação, ao se entrosar com outras crianças, elas podem ressignificar elementos absorvidos outrora, acrescentando ou alterando informações.

No tocante ao processo da construção social, as crianças se apropriam de competências sociais variáveis, de acordo com a interação com outros indivíduos. Rossetti-Ferreira e Oliveira (2009), dizem que:

Conforme realiza com outras pessoas uma atividade de cuidado pessoal, de conversa, de exploração do meio, por exemplo, e especialmente nos momentos de brincadeiras com companheiros, a criança aprende a usar determinadas estratégias para memorizar, expressar-se, imaginar, solucionar problemas, etc., que foram criadas em sua cultura e transmitidas pelos adultos e crianças com quem vive. Além disso, seus parceiros em suas relações com ela, criam situações que lhe possibilitam aprender formas de agir e de se relacionar com outras pessoas. (ROSSETTI-FERREIRA e OLIVEIRA, 2009, p. 61)

Como ressaltamos, esse desenvolvimento da construção social e da reprodução interpretativa é fruto das interações que cada indivíduo, desde o seu nascimento, constitui com outros indivíduos, em contextos culturais.

As crianças são tratadas como aprendizes, portadoras das ações adultas, contrariando o que de fato são: sujeito com emoções, sentimentos, saberes e com vontades próprias. O brincar, expressar e imaginar, características vistas como imaturidade e criancice, perdeu espaço para “conteúdos fundamentais”, na tentativa de construir um modelo de adulto para a atualidade. É preciso levar em conta as ações espontâneas dos pequeninos:

A criança não imita ou copia de forma simples e direta o mundo dos adultos, mas sim o transforma, modifica, contesta, amplia, confirma — enfim, ela pensa e elabora ideias próprias sobre esse mundo, revelando necessidades, interesses, conhecimentos e desejos (PORTILHO e TOSATTO, 2014, p. 742)

As manifestações infantis provém de uma cultura própria das crianças. Seu modo de se expressar, as linguagens, provém das relações com as culturas disponibilizadas pela sociedade. Conforme afirma Sarmiento (1997), a criança manifesta a sua cultura de acordo com os conhecimentos adquiridos previamente da cultura da sociedade, pelos quais durante as conversas e brincadeiras no momento do recreio, elas expressam do seu modo, em diferentes dimensões. Para Coutinho (2002):

As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas. A representação de cenas do cotidiano pelas crianças expressando conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas mesmas em suas vivências, elas recriam situações já presenciadas e criam, assim, uma cultura infantil, pois, como afirmam Sarmiento e Pinto: “As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado - pelo contrário, é, mais do que qualquer outro,

extremamente permeável - nem lhes é alheia a flexibilidade social global (COUTINHO, 2002, p. 99)

Na história da infância, ao se estudar a participação das crianças na sociedade, foi constatada que elas são protagonistas sociais, entendidas então como capazes de tomar decisões. A sociologia da Infância se contrapõe a ideia de passividade da criança e de que sua cultura é regida pela família e escola. Sendo assim, busca-se então quebrar o tabu de que a criança não é capaz de consolidar a socialização.

Podemos deste modo, refletir sobre as relações das Culturas Infantis<sup>2</sup> nas brincadeiras espontâneas das crianças em seu processo de socialização. Para Sarmento (2002, p. 3-4) Culturas Infantis possui como conceito “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”. Para Sarmento (2002) as Culturas Infantis permite que as crianças exorcizem seus medos, construam suas fantasias e façam representações de cenas do cotidiano.

Sarmento (2004) aborda que há quatro eixos que são elementos fundamentais para o estudo das culturas infantis, que contribuem para identificação dos princípios geradores das culturas da infância.

O primeiro eixo, a *Interatividade*, representa os diversos tipos de comunicações demonstradas entre elas, ou seja, um vínculo entre duas ou mais crianças, que se habituam das práticas entre si; o segundo, a *Ludicidade*, fundamental para as culturas infantis, apresenta o brincar e outras atividades que possibilitam o prazer e a integração de todos (o grupo), como forma de aprendizagem e sociabilidade.

O terceiro eixo, a *Fantasia do real*, é caracterizado pela capacidade que a criança tem de assimilar, atribuir e manifestar significados ao mundo. E o último, a *Reiteração*, que se caracteriza pelo tempo que a criança tem de se refazer em novas possibilidades, fazendo com que as brincadeiras sejam reiniciadas ou recriadas, na permissão de que as crianças brinquem através de novas adaptações e recomeços das brincadeiras.

Esses fundamentos nos afirmam e confirmam, no estudo sobre cultura de pares, que as crianças apenas não reproduzem as culturas do adulto, mas a partir da interação

---

<sup>2</sup> Embora nosso trabalho esteja baseado no conceito de Cultura de Pares no processo de socialização segundo Willian Corsaro, trouxemos as contribuições de Manuel Jacinto Sarmento acerca das Culturas Infantis.

com outros pequenos, ao surgir afinidades, afetividades e prazeres em suas interações, a criança constrói elementos culturais manifestados pela riqueza de sua fala e gestos.

A infância é marcada pela fase do desenvolvimento de varias habilidades. A comunicação, uma dessas habilidades, é um elemento fundamental para a socialização e para a construção da cultura de pares entre as crianças. Elas possuem várias formas de se comunicar e se expressar. A fala é uma característica inata do ser humano, ao qual é estimulada através do convívio social.

Para o Referencial Curricular para a Educação Infantil “é na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelos outros”. (BRASIL, 1998, p. 24). Acreditamos que, ao se relacionar com outros pequeninos, a criança possui a necessidade de expor o que sente e deseja através da sua fala, tornando-se um ser social ativo e participativo em seu grupo.

A Linguagem é utilizada pelas crianças para que se comuniquem verbalmente umas com as outras. É nas interações, partindo do contato com pessoas e ambientes de convívio afetivo, que os pequenos constroem essa habilidade, sendo assim, as crianças possuem a necessidade de utilizar a fala em situações diversas, sobretudo com seus pares nas instituições de Educação Infantil.

#### **4. NA EDUCAÇÃO INFANTIL, O ESPAÇO PARA A CULTURA DE PARES: UM OLHAR PARA INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS ENTRE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA**

##### **4.1 Dados da investigação**

Conforme já mencionado na introdução deste trabalho, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada de ensino, localizada no bairro do Catolé, na Cidade de Campina Grande, Paraíba. Esta instituição de ensino funciona nos dois turnos, sendo o horário da pesquisa realizada, no turno da tarde. A turma observada e analisada foi o Infantil 5, na Educação Infantil, contendo 11 crianças entre 5 e 6 anos de idade, sendo 08 meninas e 03 meninos e 01 professora, a própria pesquisadora. Todas as crianças são residentes nas proximidades da escola, exceto uma criança, que reside em outro bairro.

Os horários rotineiros da turma em questão são os seguintes: Às 13:00 horas as crianças chegam a escola; às 13:15 horas faz-se a acolhida coletiva com todas as turmas, com orações, músicas e/ou histórias; 13:30 horas ocorrem as atividades dirigidas; 15:00 horas o momento da higiene das mãos e lanche; 15:30 horas é o momento do recreio; 16:00 horas são atividades dirigidas, e as 16:40 horas as crianças se preparam para a despedida.

As crianças foram observadas no momento do recreio, entre os meses de fevereiro a outubro de 2018, num período de 08 meses. O objetivo das observações era analisar como se evidencia a socialização das crianças e as produções culturais entre seus pares no momento do recreio.

Para a coleta de dados foi utilizado um diário de campo, para anotar detalhes dos momentos da socialização, como detalhes dos gestos dos pequenos e suas movimentações, e um gravador de voz e vídeo, para salvaguardar a fala das crianças e analisar posteriormente os registros feitos. Para a utilização do gravador, tivemos algumas dificuldades, pois, ao perceber a aproximação de alguém, os comportamentos das crianças mudavam, seus gestos e suas falas eram travados em alguns momentos, perdendo o foco da investigação.

## **4.2 Análises da Pesquisa**

Para a realização da pesquisa, foram feitas algumas leituras de estudos que focavam sobre o tema em questão, na busca de compreender o Protagonismo Infantil e a Cultura de pares. Tal embasamento foi estruturado através de estudos contemporâneos, dado ao fato de que, como mencionado anteriormente, a criança veio a ser estudada sob uma nova ótica de protagonismo, recentemente, sob o pressuposto de que a mesma de fato é um ator social no processo de socialização.

No processo de socialização, as crianças demonstram reações de suas interpretações da realidade através dos jogos de faz de conta e brincadeiras, oriundas das interações que há com os adultos e outras crianças. Essas brincadeiras passam por um processo de contextualização sócio cultural, sendo transformadas a partir da cultura a qual as crianças estão inseridas e contribui para a sua reinterpretação e transformação (Corsaro, 2009). Veremos, na pesquisa, através da observação e análise, esse conceito bem presente em várias situações do cotidiano da criança.

Em todos os contextos das situações observadas e gravadas, as crianças estavam no momento do recreio, onde podiam brincar e conversar de maneira espontânea e livremente, e interagir com amigos, os quais possuem afinidades. Nesse momento, a professora/pesquisadora apenas as observava. Alguns recortes de situações, gravadas ou registradas em diário de campo, serão apresentadas no decorrer deste capítulo.

**Situação 1** (Gravação em formato de vídeo – Duração: 1:38):

*Mariana: Olha David, estou machucada aqui, aqui e aqui!*

*(Crianças no fundo imitando choros e gritos)*

*Leila: Você vai tomar uma injeção.*

*Maria Sophia: Não, não, não, não...*

*Leila: Fique aqui!*

*(Maria Sophia sai correndo)*

*David, ao perceber Maria Sophia e Leila saindo, organiza as cadeiras e improvisa uma maca fictícia para Kauany sentar.*

*David: Tim, tim, tim, tim. Prontinho, já tá melhor.*

Ao perceber a presença da pesquisadora fazendo a gravação, as crianças mudaram seus comportamentos. Antes a brincadeira fluía normalmente, depois começaram a correr e mudar o foco. O breve trecho que segue demonstra essa percepção de uma criança. Apesar de uma delas continuar insistindo no diálogo, as demais não prosseguiram com a interação.

*Kauany: Tia tá filmando a gente!*

*Mariana: Olha, David, olha, olha, eu tô machucada aqui, ela tá machucada aqui.*

Conforme acompanhamos na **situação 1**, as crianças estão reproduzindo uma cena do cotidiano hospitalar, numa instituição social e de saúde. Percebemos que, as crianças se apropriaram de elementos contidos no contexto de um hospital, e de forma criativa, se colocaram no lugar de atores, ao criarem e transmitirem a cultura através da brincadeira.

Percebemos nesta situação, que as crianças possuem a capacidade de imaginarem, criarem e mudar regras ao reproduzirem cenas do cotidiano. Sendo assim, vemos o eixo da Interatividade presente nessas relações, onde as crianças interagem e aprendiam uma com a outra, criando seus valores e identidades a partir dessas relações.

Vemos a presença da Ludicidade ao estimular a interação, fazendo com que as crianças entrassem em um mundo de faz-de-conta, gerando o prazer e a integração de todos.

O eixo, a Fantasia do real se caracterizou nessa situação no momento em que as crianças assimilaram e atribuíram sentidos, fazendo com que fosse possível em suas brincadeiras serem médicos e pacientes em um hospital. Ao vermos a fantasia regendo a brincadeira de faz-de-conta, foi possível perceber que “[...] o que é verdadeiro e o que é imaginário se confundem estrategicamente para que a brincadeira valha mesmo a pena” (SARMENTO, 2002, p. 12). A Reiteração também se fez presente nessa relação criança-criança, onde elas tiveram a capacidade recriar varias vezes, situações de um âmbito hospitalar, fazendo com que a brincadeira em conjunto tivesse varias possibilidades de recomeçar a brincadeira.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) as crianças são:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

As crianças, sujeitos históricos que constrói sentidos, ao simularem o trabalho de um médico, se apropriaram da fala de tal profissional, bem como seus gestos, dado ao fato que percebemos que estavam simulando manusear instrumentos de uso da medicina, se apropriaram de papeis de pessoas adultas, transformando os elementos usados para a brincadeira em algo lúdico. Tal apropriação criativa, Willian Corsaro (2009) a denomina de Reprodução interpretativa, a qual mencionamos anteriormente, quando a criança se apropria de forma criativa das informações do cotidiano adulto para produzir suas culturas de pares.

**Situação 2** (Dia 19 de Março de 2018 – Gravação em áudio - Duração: 1:09):

*Maria Helena: Tadinha de Leila. Maria Eduarda Nóbrega não pode machucar ela. Tem que ser bom com as amiguinhas. Não tratar ela mal, tratar ela de bem.*

*Maria Eduarda N.: Mas ela não quer brincar comigo.*

*Maria helena: Sim, meu irmão me tratou mal, mas eu fiquei feliz porque ele me deu uma boneca de presente.*

*Maria Helena: Tem que correr devagar.*

Na segunda situação, temos um diálogo entre duas crianças. Vemos nesse episódio observado que uma das crianças repreende a outra por ter tropeçado em outra aluna.

De acordo com (Cole et al., 1991) a fala da criança é um instrumento para planejar e solucionar um problema. Para além disso, a fala tem uma facilidade de manipular e controlar a própria criança. Constatamos que a fala de Maria Helena, soa como uma repreensão para Maria Eduarda N., influenciando na remissão da aluna a qual bateu na colega, onde, com o semblante triste questiona a professora se já está tudo bem com a outra colega de turma.

O diálogo de Maria Helena nos mostra que, em suas relações cotidianas, com a família, ela já experienciou momentos em que induziram a pedir desculpas, como, provavelmente já pediram desculpas para ela (no caso o irmão, citado pela própria na situação 2). De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, P. 42), as crianças “ao conversarem sobre assuntos do universo familiar de cada um, todos os participantes se enriquecem, pela oportunidade de expressão e de contato com outras vivências”. Ao vivenciar esses momentos, a criança trouxe essa experiência como característica cultural em suas relações com outras crianças. É nas interações que as crianças demonstram sua cultura, tanto em brincadeiras de faz de conta, quanto em lutar pelos seus interesses, até em resoluções de problemas.

### **Situação 3** (26 de Setembro de 2018 - Retirada do diário de campo):

*“Maria Sophia convidou Maria Eduarda S. e Renan para brincar de escolinha. Ela já avisou que seria a professora. Aceitaram as condições da brincadeira e sentaram onde ela sugeriu, próxima a parede. A aula seria sobre os numerais, assunto dado no momento das atividades dirigidas na sala de aula anteriormente. Iniciando o que seria a aula, Maria Sophia chamou Maria Eduarda para o ‘quadro’ e falou: ‘Duda, sua vez, escreva o numeral 21’. Maria Eduarda fez sua escrita fictícia e Sophia perguntou: ‘Ela acertou? Vamos bater palmas pra ela! Agora escreva o número 01.’ Eduarda mais uma vez ‘escreveu’ o número. Sophia falou: ‘Duda, dessa vez você não acertou, que peninha. Pode sentar no lugar que eu mandei você sentar, me obedeça’. Eduarda sentou, com o rosto chateado e braços cruzados, pois queria continuar escrevendo os numerais. ‘Renan venha aqui!’ Maria Sophia o chamou com a feição de brava e seus dedos apontados para o lugar onde ele deve estar. Mostre pra Duda o número 01. Ele ‘escreveu’ e a ‘Professora’ disse: ‘Tá vendo Duda, este é o número 01. Renan acertou. Palmas pra você Renan.’ Maria Eduarda não quis mais participar da brincadeira e saiu de perto. Maria Sophia foi chama-la de volta para brincar. ‘Vamos Duda, eu deixo você escrever. Na sala eu peço a tia Renata pra gente brincar no quadro e você coloca os números no quadro.’ Nesse momento do diálogo, Maria Sophia fica de frente para*

*Duda, tentando não deixar passa-la, segurando no braço. 'Eu não quero mais brincar. Vou sentar ali.' Disse Eduarda. Maria Sophia voltou e disse a Renan que não brincariam mais porque Duda não queria brincar. Maria Sophia veio para perto de mim, com o rostinho sério e Renan foi brincar de corrida com David, Erick e Lilian."*

Na **situação 3**, vemos as crianças no período do recreio, recriando uma cena ocorrida momentos antes. Na sala de aula, as atividades propostas foram relacionadas a noções de quantidades e as apresentações dos símbolos numéricos de 20 a 29.

As crianças, ao brincarem sobre o que seria a aula, obtiveram elementos como a fala - seleção de palavras-chaves usadas no momento da aula, como exemplo, 'muito bem', 'ela acertou?' e 'sua vez' - e a gestualidade presente na brincadeira. Percebemos que os pequenos, ao se apropriarem da fala, de atitudes, e de expressões da face do professor, reinventam ao seu próprio modo e de forma criativa, elementos presentes nas atividades dirigidas. Sarmiento (2007) esclarece para nós que:

As culturas da infância vivem do vai-e-vém das representações do mundo feitas pelas crianças em interação com as representações "adultas" dominantes. As duas culturas – a especificamente infantil e as da sociedade – que se conjugam na construção das culturas da infância, na verdade, pluralidade e até contradição que internamente enforma uma e outra, referenciam o mundo de vida das crianças e enquadram a sua acção concreta. (SARMENTO, 2007, p. 23)

Ao reproduzirem a cena na sala de aula, as crianças não exibiram uma mera cópia do desempenho da professora na execução da sua profissão, mas se apropriaram da situação e produziram a cultura através da interpretação que fizeram, produzindo a sua própria cultura.

**Situação 4** (Dia 08 de Outubro de 2018 – gravação em áudio - Duração: 2:41)

*Lilian: Emily vai ser minha Mãe.*

*Kauany: Ela está indo muito bem. Ela passou nas provas.*

*Emily: É primeiro a mãe que fala.*

*Kauany: Você diz assim: ela se comportou?*

*Emily: Olá, Diretora!*

*Kauany: Não eu sou professora, não eu sou a diretora.*

*Emily: Professora, minha filha se comportou bem?*

*Kauany: Se comportou, passou nas provas mesmo com a boneca na mão. Ela brincou e depois fez a tarefa. Foi, ela gosta de pintar, nem rabisca. Os alunos borraram tudinho, mas como pode.*

*Emily: Em casa ela fica brincando de boneca, ela fica olhando o celular e consegue fazer tudo bem direitinho.*

*Kauany: Por isso eu tô dizendo...*

*Lilian: Porque em casa eu fico fazendo a tarefa, com a boneca na mão. Mesmo com a boneca na mão eu faço tudo.*

*Emily: Em casa você usa o celular, quando chegar em casa eu vou te dar o celular eu deixo você jogar.*

*Emily: Tome filha, eu deixo você jogar o seu joguinho.*

*Kauany: Os outros pintam e bordam. (Se referindo as crianças da escola fictícia)*

*A brincadeira encerra quando Maria Helena chega próxima a elas querendo participar, mas as mesmas não aceitam.*

A **situação 4** possui como enredo as crianças reproduzindo o que seria uma relação entre família-escola. O diálogo começa com as crianças decidindo quais os papéis de cada envolvida na brincadeira. Depois de decidirem sobre quem será quem, elas iniciam um jogo de palavras típico de um diálogo em pais e mestres, e, no caso, a presença da “aluna” também na brincadeira.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil elucida que:

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando (BRASIL, 1998, p. 27)

No RCNEI ainda encontramos que:

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos (BRASIL, 1998, p. 27)

Ao recriarem um diálogo referente ao mundo adulto, as crianças puderam transformar uma realidade vivenciada por elas em uma reprodução interpretativa, colocando todas as ideias e emoções produzindo então sua cultura de pares. No momento do recreio, as crianças possuem a liberdade de brincar e conversar espontaneamente. Quando elas, em suas interações e afinidades propõem brincadeiras e faz de conta, outras logo acatam as ideias, demonstrando as suas interligações culturais.

**Situação 5** ( 04 de Outubro de 2018 – gravação em áudio - duração: 1:31)

*Lilian: Vamo encontrar água que tá aqui!*

*Lilian: Não pode ver nosso tesouro!*

*Maria Helena: Posso sim!*

*Lilian: Pode não! Mas eu tive a ideia. Vamo cobrir!*

*Maria Helena: Ô tia, manda ela soltar de novo. Eu e Sophia vamos cavar isso aqui depois.*

*Lilian: Mas a gente vai cavar isso aqui depois.*  
*Maria Eduarda Silva: Tia, a gente tá procurando o tesouro.*  
*Lilian: Isso vai quebrar Helena (risos)*  
*Maria Helena: Tá muito difícil achar esse tesouro! Foi Duda e as meninas, que fez isso!*  
*Lilian: Calma aí que eu tive uma ideia.*  
*Emily: Tá duro Lilian! O cimento né!*  
*Lilian: É porque tem uma pedra dentro dele!*  
*Maria Helena: Gente, depois a gente enterra né!*  
*Lilian: Pega esse que é mais rápido. Olha aqui uma pedra, a pedra!*

As brincadeiras de faz de conta são um dos elementos mais percebíveis nas brincadeiras livres no momento do recreio. Elas utilizam todo o espaço cedido na recreação para pular, correr, dançar, gritar, imaginar coisas, conversar, se comunicarem através de gestos, risadas, choro, e, sobretudo, iniciar uma brincadeira a partir de um ato.

Na **situação 5**, as crianças estão em uma brincadeira de faz de conta. “Começou quando Lilian sentou próximo a um buraco cheio de areia, pois o local havia passado por obras recentemente. Maria Eduarda S. e Emily se aproximaram logo em seguida, iniciando o diálogo, quando Lilian falou que estava procurando um tesouro” (Diário de campo).

As crianças são assim, espontâneas. Moretti e Silva (2011) faz uma grande observação acerca da criação das brincadeiras no momento do recreio, quando a criança em um piscar de olhos, em seus movimentos, já criam momentos de troca entre seus pares. Elas ainda evidenciam que:

Cada um ocupa um lugar na brincadeira, na medida do movimento e não das palavras, em ritual em que o corpo, o gesto teatral, comanda a brincadeira e dão o ritmo das descobertas, em conjunto com outras experiências já saboreadas no cotidiano (MORETTI e SILVA, 2011, p. 46).

De forma independente, as crianças tem a oportunidade de criar, vivenciar brincadeiras em que elas mesmas inventam, criando um enredo de experimento. Experimentar o mundo, os sentimentos, as outras crianças e seus conhecimentos.

#### **Situação 6** (Diário de campo - 23 de Outubro de 2018)

*“A palavra Trollar está bem presente nos diálogos das crianças. Hoje ouvi David e Maria Eduarda N. conversando. David falou que queria ser o Rei das trollagens, e que faria uma armação para ela. Duda por sua vez, falou que viu no canal do Lucas Neto,*

*as melhores trollagens do mundo. Renan Chegou pedindo pra David procurar uma garrafa de refrigerante e ele aceitou o convite, terminando o diálogo com Eduarda”.*

**Situação 7** (Diário de campo – 27 de Outubro de 2018)

*“As crianças estavam passeando e conversando, quando David, de repente falou: ‘Lilian, eu tenho Fini guardado na bolsa, que eu não comi no lanche!’ Lilian na mesma hora reagiu pedindo para ele ir buscar para comerem. David riu e falou: ‘Te trollei! Pensou que eu tinha mesmo!’ (risos)”.*

Como bem sabemos, as crianças, para construir sua própria cultura, se apropriam de elementos da cultura adulta, elementos esses que os pequeninos apreendem quando convivem socialmente com esses adultos – Família, professor, etc. Nas **situações 6 e 7**, nos deparamos com uma palavra que está em alta na atualidade: *Trollar*. Essa palavra, originária na internet, tem perpassado a cultura digital e chegado até as crianças.

*Trollar* possui como significado chatear, zoar o outro, fazer uma armadilha para alguém em bate-papos na internet, porém, não acontece apenas no mundo virtual. Pessoas podem *trollar* a outra no mundo além do digital, seja família ou amigos. “O processo de socialização é impregnado dessas questões de sociedade, difundidas principalmente pelas mídias, que, nesse caso, funcionam como um palácio de espelhos” (BELLONI, 2009, p. 139)

Como debatemos no decorrer desse trabalho, a produção cultural das crianças se oriunda a partir do que elas vivenciam e ouvem. As mídias digitais também é um elemento da atualidade, a qual as crianças possuem fácil acesso, sendo então um grande influenciador nas culturas infantis. A BNCC nos diz que:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017).

Tais palavras, vinda do mundo adulto, ao observar as situações utilizadas pelos mesmos, às crianças aplicam seu próprio conceito sobre ela e passa a usá-la com seus pares nas instituições da Educação Infantil. A oralidade da criança se desenvolve através do ouvir. Ao ouvir, as mesmas reproduzem de acordo com os significados que atribuem às palavras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a importância das interações autônomas e brincadeiras espontâneas no momento do recreio para a produção de suas próprias culturas – A Cultura de Pares.

Acredita-se que as crianças não são reprodutoras da cultura adulta, isto é, elas não copiam o comportamento adulto. O que acontece é que as crianças captam referências a partir de suas relações com os adultos, e de forma dinâmica, utilizam elementos oriundos dessas relações para que produzam sua cultura própria.

A Cultura de Pares manifesta-se na ocasião em que uma criança interage com a outra, sem intervenções adultas, construindo seus modos de se relacionar, seus próprios modos de agir, de interpretar e atribuir significados as suas conversas.

Foi possível constatar, à luz de estudos e leituras realizadas e das observações diárias das interações das crianças, que, no momento do recreio, a Cultura de Pares é realmente produzida no momento em que elas estão no ajuntamento partilhando seus interesses.

Através da fala, palavras foram sendo atribuídos a sentidos próprios das crianças, seus gestos passaram por uma releitura nas brincadeiras de faz de conta. Essa releitura é baseada na cultura do adulto, que afetam as interações infantis, porém, vimos que os pequenos possuem autonomia o suficiente para estruturar sua própria cultura.

Esperamos que esta pesquisa possa aguçar a curiosidade de outras educadoras, a observarem a construção da cultura entre os pares na própria Educação Infantil e perceberem que, diferentemente das teorias de Durkheim entre outros grandes teóricos da Sociologia, as quais diziam que as crianças são adultos em miniatura, são seres do futuro, entre outras abordagens, as crianças possuem suas peculiaridades, especificidades e interesses, as quais fazem serem produtoras de culturas.

## Abstract

The objective of this study is to discuss situations in which we evidenced the determinants of peer culture among pre-school children through their interactions and spontaneous plays. This is a field research, of qualitative character, carried out in an institution of Infantile education, from a private school network, in the city of Campina Grande – PB. The data were collected between the period of February and October 2018 in a group named Childlike 5, where the subjects of the research were 8 girls and 3 boys aged 5 to 6 years. For data collection, we used the voice recorder, video recorder and observations noted in the field journal. Such notes in the field journal and the recordings focus on the spontaneous situations of children at playtime, such as their dialogues, conversations, and the games choose by them. We begin with the understanding that children are active subjects in the cultural production of society (SARMENTO, 2007) and that at a time when children produce and share their interests, their artifacts and their routine in their interactions, they are producing Peer Culture (CORSARO, 2009). The study verified that it is in the process of socializing with their peers in plays and in make believe games that the children demonstrate their interpretations from the contact with adults, going through a process of socio-cultural contextualization, and transforming in their own culture through reinterpretation. We conclude that Peer Culture is actually produced at a time when children are interacting, sharing their interests, through the re-reading based on the culture of the adult, that end up affecting the infantile interactions. However, we have seen that children have enough autonomy to structure their own culture.

**Keywords:** Peer Culture; Socialization; Interpretive Reproduction; Child education.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, L.B.P. Tecendo os fios da infância. IN: **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (p.46–77).

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Como a Sociologia da infancia de William A. Corsaro pode contribuir com as pedagogias de educação infantil?. IN: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 177-188.

Base Nacional Comum Curricular. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> Data de acesso em 11 de Novembro de 2018.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Sociologia da Infância**. Editora Autores Associados, Campinas, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Culturas Infantis: Contribuições e Reflexões. IN: **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 14, n. 43, set./dez. 2014. (p. 645-667).

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. V.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, vol. 1, 1998.

CANAVIEIRA, F. O. ; CALDEIRON, A. C. 2011. Relações entre as crianças pequenas e a produção das culturas infantis: vistas, ouvidas e citadas. In\_\_ : **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Autores Associados. Campinas, SP, p. 153-170.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação**. Florianópolis, SC. Dissertação de mestrado CED/UFSC: 2002.

DELGADO, A.C.C; MULLER, F. Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças. IN: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n.91, 2005. (p. 351-360).

DURKHEIM, Émile. **Sociologia, educação e moral**. Portugal: Rés-editora Ltda, 1984.

GAVA, N.C; JARDIM, M.B. Corpo e Movimento: O descobrimento do corpo na Educação Infantil. 2015. Disponível em <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/corpo-e-movimento-o->

descobrimto-do-corpo-na-educacao-infantil . Data de acesso em 24 de Novembro de 2018.

LIMA, J. M; MOREIRA, T.A; LIMA, M.R.C. A Sociologia da infância e a Educação Infantil: outro olhar para as crianças e suas culturas. IN: **Revista Contrapontos**. Eletrônica, Vol. 14, n. 1 – jan/abr, 2014. (p. 95-110).

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

MULLER, Fernanda. **Entrevista com Willian Corsaro**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 271-278, jan./abr. 2007

PORTILHO, E.M.L; TOSATTO, C.C. A crianças e o brincar como experiências de cultura. IN: **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 14, n. 43, set./dez. 2014. (p. 737-758).

QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. IN: **Perspectiva**, Florianópolis: v. 20, n.Especial, jul./dez 2002. (p. 137-162)

SARMENTO, Manuel. **Lógicas de ação nas escolas**. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, dez. 2000.

\_\_\_\_\_. **Imaginário e culturas da Infância** (2002). Disponível em: [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)  
Data de acesso em 21 de Outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. IN: **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação. Porto: ASA, 2004.

\_\_\_\_\_. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni (org.). **Produzindo Pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (p. 19-40)

SIROTA, Régine. **Emergência de uma sociologia da infância**: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, Nº 112. FCC, São Paulo, Março de 2001, p 7-31.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Orgs: COLE, Michael [et al.] **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.